

## **Para além da dicotomia natureza x cultura: ciência como representação triádica em C. S. Peirce**

*Emília Silveira Silberstein*<sup>1</sup>  
Universidade de Brasília (UnB)

### **Resumo**

Este artigo busca investigar o pensamento do lógico estadunidense Charles Sanders Peirce (1839-1914) como possível saída da dicotomia natureza x cultura na compreensão do conceito de ciência. A proposta aqui é tentar pensar a ciência enquanto representação triádica, em que suas relações com *interpretantes* e *representamens* são tão fundamentais para pensá-la quanto sua relação com os *objetos*. Entender a ciência como um espelho da natureza, representação infalível, constrói um entendimento hierárquico da relação entre diferentes saberes, colocando-a como o saber onisciente portador da “voz da verdade”; sem enraizamentos sociais, interpretativos e históricos. Por outro lado, compreendê-la como espelho da cultura, esconderijo autoritário de operações de poder, dificulta pensar sobre sua relação com a esfera dos objetos. A semiótica peirceana enquanto compreensão de mundo carrega o desafio de um deslocamento cognitivo para o espaço do que é “sim” e “não” ao mesmo tempo. Não se trata de um “sim e não ao mesmo tempo” relativista, em que tudo vale, mas de um que nos permite ir para além de um entendimento dicotômico; reconhecendo a existência da dualidade, mas sem que isso resulte em uma “análise com um machado, deixando como elementos finais, pedaços de ser não relacionados” (PEIRCE, CP 7.570<sup>2</sup>).

### **Palavras-chave:**

representação; pensamento científico; signo triádico; Charles S. Peirce.

### **Abstract**

This paper investigates some thoughts of the American logician Charles Sanders Peirce as a possible way out of the dichotomy nature vs. culture in the understanding of science. The suggestion here is to think of science as a triadic representation, in which its relation with

---

<sup>1</sup> Mestranda em Comunicação Social pela Universidade de Brasília (UnB), graduada na mesma instituição em Comunicação Social, com habilitação em Audiovisual. Integrante do Núcleo de Estudos de Semiótica em Comunicação (Nesecom) DGP/CNPq desde 2009.

<sup>2</sup> Os trechos dos *Collected Papers* serão citados da forma habitual: abreviação do título, indicação do volume e parágrafo. Assim, “CP 7.570” se refere ao parágrafo 570 do sétimo volume dos *Collected Papers*.

*interpretants* and *representamens* are just as important as its relation with *objects*. To understand science as a mirror of nature, as an infallible representation, construes a hierarchical comprehension of its relation with other types of knowledge, conceiving it as the omniscient “voice of truth”, without social, interpretative and historical roots. On the other hand, understanding it as a mirror of culture – an authoritarian hideaway of power operations – makes it harder to think about its relation with the sphere of objects. Peirce’s semiotics, when it is understood as a way of understanding the world, presents the challenge of a cognitive displacement to the space of what is “yes” and “no” at the same time. It’s not a relativistic “yes and no at the same time”, in which everything is allowed, but one that allows to see beyond a dichotomic thinking; recognizing the existence of duality, but not making it result in a “analyses with an axe, leaving as the ultimate elements, unrelated chunks of being” (PEIRCE, CP 7.570).

**Keywords:**

representation; scientific thinking; triadic sign; Charles S. Peirce.

## **1. Uma compreensão de ciência para além da dicotomia espelho da natureza x espelho da cultura**

Este texto é um recorte de algumas inquietações da pesquisa que estou desenvolvendo no mestrado, que partiu de um incômodo inicial em tentar entender onde situar – “onde” enquanto forma de compreensão – o binômio política e ciência ao refletir sobre o pensamento científico. Política aqui não ligada necessariamente a cargos específicos e afazeres da gestão pública, mas à dimensão cotidiana muitas vezes invisível que está presente em qualquer um que é cobrado pelo mundo uma tomada de posição.

Para começar a pensar a questão, busquei matrizes de pensamento que habitassem as fronteiras entre epistemologia e política, focando-me particularmente nas críticas de algumas autoras feministas à ciência, por acreditar que o posicionamento crítico e

problematizador destes feminismos<sup>3</sup> em relação a determinadas maneiras de pensar e fazer ciência poderia ser solo fértil para o entendimento do próprio conceito de ciência, ao não se contentar em alisar o terreno para que seja mais fácil caminhar nele sem tropeços. De que forma aquelas autoras estavam tensionando aspectos do pensamento científico e articulando novas possibilidades de leitura da ciência, de seus limites e de suas potencialidades?

Os feminismos se desenvolveram inicialmente como movimento político focado na mudança social, não como uma corrente de pensamento acadêmico. É importante ter em mente esta aspiração de transformação social na obra destas pesquisadoras e pesquisadores porque, ao entrar no contexto da reflexão sobre o pensamento científico, além de procurar abrir novos espaços de compreensão e leituras do mundo, estes feminismos buscavam *novas zonas de ação política*. Esta ligação basilar com a política se manteve na reflexão epistemológica de muitas autoras e autores. Evelyn Fox Keller (2004, p. 7) escreve que “a teoria feminista era geralmente entendida, ao menos por suas contribuidoras e contribuidores iniciais, como ela mesma uma forma de política – como ‘política por outros meios<sup>4</sup>’” e Harding (1985, p. 12) que “para feministas, é a discussão moral e política, mais que a científica, que tem servido como o paradigma – ainda que problemático – do discurso racional<sup>5</sup>”.

Esta percepção se dá em parte em um reconhecimento de que se trata, institucionalmente, de uma tradição de conhecimento que foi negada às mulheres por séculos. As primeiras universidades da Europa<sup>6</sup> praticamente não permitiram a inserção das mulheres

---

<sup>3</sup> Uso aqui a palavra “feminismo” no plural, pelo reconhecimento de uma diversidade de linhas e heterogeneidade de propostas dentro dessas críticas. Há quem chape as críticas feministas em uma massa destituída de forma, como se tratasse de um uníssono sem tensões e dissonâncias. Mas uma das questões que tem me interessado neste mapeamento é justamente a diversidade de posições e propostas. Mesmo no trabalho de uma única autora, é possível perceber mudanças sensíveis de pensamento ao longo do tempo. Por outro lado, a expressão “pensamento feminista” – no singular – me parece fazer sentido, porque acredito que a ideia de “pensamento” já carrega em si um dinamismo que pode se referir a uma certa unidade sem ferir a sua diversidade.

<sup>4</sup> Tradução livre de “feminist theory was generally understood, at least by its early contributors, as itself a form of politics – i.e. as ‘politics by other means’”.

<sup>5</sup> Tradução livre de “for feminists, it is moral and political, rather than scientific, discussion that has served as the paradigm – though a problematic one – of rational discourse”.

<sup>6</sup> Em uma palestra ministrada na UnB em 21.09.2015, Enrique Dussel lembrou que a cidade de Fez, no Marrocos, já tinha uma universidade desde o século IX. Buscando sobre o assunto, qual não foi a minha surpresa ao descobrir que esta universidade, Al-Qarawiyyin, foi fundada por uma mulher, Fatima al-Fihri. O título de “primeira” universidade, como qualquer outra busca por origens, não é unânime e passa pela definição do que se entende por universidade. A proposta de Dussel, pelo que entendi da palestra, não é uma busca por demarcar rigidamente qual foi a primeira universidade, mas tensionar nossos horizontes de construção da história, provocando a compreensão a partir de outras matrizes.

desde sua criação no século XII – universidade de Bolonha<sup>7</sup> – até o século XIX (YANNOULAS, VALLEJOS, LENARDUZZI, 2000, p. 434), século em que alguns craniologistas ainda tentavam “provar que o cérebro feminino era muito pequeno para o raciocínio científico” (SCHIEBINGER, 2001, p. 57). Londa Schiebinger (2001, p. 64) também lembra que uma única mulher foi membro permanente da *Royal Society* de Londres desde sua fundação em 1660 até 1945; tratava-se de “um esqueleto em sua coleção anatômica” (SCHIEBINGER, 2001, p. 64). Foi uma negação institucional e simbólica, que nomeava a mente como masculina e a natureza como feminina<sup>8</sup>, fazendo com que “qualquer cientista que aconteça de ser uma mulher se confronte com uma contradição *a priori* em termos<sup>9</sup>” (KELLER, 1987, p. 282).

Pelo espaço e pelo foco deste texto, não entrarei de fato nas críticas feitas pelas correntes feministas. Neste momento, o que interessa é o movimento de algumas dessas vertentes, que passaram da compreensão de que existem práticas machistas no âmbito acadêmico e da percepção de que uma diversidade maior de sujeitos que selecionam e constroem os problemas científicos tornaria a ciência um empreendimento mais igualitário à suspeita de que o sexismo está nas próprias raízes da ciência moderna ocidental, tensionando conceitos caros ao pensamento científico, como a objetividade. Como pode uma tradição de pensamento que excluiu sistematicamente as mulheres simplesmente por serem mulheres ter a objetividade como um de seus pilares epistêmicos?

Algumas posturas políticas conservadoras parecem querer construir um escudo confuso a partir da objetividade de quem pesquisa. Ao trabalhar como fotógrafa da Secretaria de Comunicação da UnB, cobrindo palestras, discussões internas e assembleias de departamentos diversos, algo que escutei algumas vezes quando a discussão demandava falar em política foi que “somos cientistas, trabalhamos com dados e fatos”. A impressão que me dava é de que dados e fatos, naquele contexto, apareciam com a função de isentar o cientista

---

<sup>7</sup> As autoras se referem ao século XII, segundo o site da universidade - <http://www.unibo.it/it> - , no entanto, sua criação foi bem no final do século XI, em 1088.

<sup>8</sup> Para mais sobre esta associação entre natureza e feminino, ver Maria Mies e Vandana Shiva, **Ecofeminismo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1993; Evelyn F. Keller, **Gender and science: origin, history and politics**. In: Osiris, 2<sup>nd</sup> série, vol. 10, Constructing knowledge in the history of science, pp. 26-38, 1995; Genevieve Lloyd, **Reason, Science and the Domination of Matter**, In: KELLER, Evelyn e LONGINO, Helen (orgs.). **Feminism & Science**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2006.

<sup>9</sup> Tradução livre de “any scientist who happens to be a woman is confronted with an *a priori* contradiction in terms”.

de refletir sobre os aspectos interpretativos e sociais do conhecimento. Era uma postura que dificultava a análise e exposição destas dimensões do pensamento científico. Como diria Charles Wright Mills, “a objetividade não precisa ser um culto acadêmico da atenção estrita; pode ser mais ampla e incluir significado assim como ‘fato’. O que muitos consideram ser ‘objetivo’ é apenas um uso não imaginativo de rotinas de pesquisa já mapeadas”<sup>10</sup> (MILLS, 2008, p. 19).

Entender a ciência como um espelho da natureza, representação fiel e infalível, composta apenas por uma organização de fatos e dados, acaba por situá-la em um patamar hierárquico em relação a outros saberes, como o saber portador da “voz da verdade”, sem enraizamentos sociais e históricos. Destituí-la destes enraizamentos não é apenas uma incompreensão de alguns de seus aspectos importantes, mas também algo potencialmente perigoso, por deixá-la pairando em um não-lugar (sem contexto e historicidade), impedindo uma reflexão crítica de suas condições de existência e possibilidade.

Ao mesmo tempo, não me identificava plenamente com falas que pareciam entender conceitos como verdade e objetividade como esconderijos para operações de poder; quase uma transição da ciência como espelho da natureza para uma compreensão da ciência como espelho da cultura. Existem mãos e mentes humanas, sujeitas a diversas idiossincrasias, a fazer pesquisa científica, responsáveis por erros e acertos, por leituras mais ou menos afinadas com os fenômenos que estão sendo interpretados. No entanto, admitir que somos seres sociais e políticos, que não nos despimos inteiramente dessa dimensão ao fazer pesquisa e que nela a subjetividade existe enquanto processo ativo – está na pulsão pelo conhecimento e em cada escolha que tomamos para seguir andando; pesquisamos o que nos toca – implica necessariamente em uma rejeição à noções caras ao pensamento científico, como a objetividade?

A curiosidade que desperta o interesse em um determinado tema de pesquisa e não em outro, as escolhas de caminhos metodológicos, as relações criativas que fazemos ao conectar elementos antes vistos como separados estão inseridas em um espaço que também é de subjetividade. No entanto, alimentam-se de um diálogo com outras vozes, num processo histórico de construção de conhecimento, e também de um diálogo com fenômenos que

---

<sup>10</sup> Tradução livre de “objectivity need not be an academic cult of the narrowed attention; it may be more ample and include meaning as well as ‘fact’. What many consider to be “objective” is only an unimaginative use of already plotted routines of research”.

podem ser dependentes da mente (que, afinal, faz parte do mundo e da experiência) mas não dependem necessariamente das idiossincrasias de mentes individuais. Por outro lado, até que ponto essas imagens – de quem pesquisa como alguém destituído de sua subjetividade, como conhecedor infalível – não sugerem que a ciência tem tido dificuldade em comunicar sua potência como um espaço de provocação, experimentação e ação criativa?

A necessidade que começava a aparecer para mim era a de uma compreensão mais densa do conceito de ciência. Uma questão conceitual, que, em um espírito pragmaticista, não se apresenta como um voo apartado da ação, do material e cotidiano. A proposta do pragmaticismo<sup>11</sup> peirceano era entender os conceitos a partir dos hábitos que eles potencializam, dos hábitos em sua intimidade com as ações que provocam, “não só nas circunstâncias em que provavelmente surgiram, mas também naquelas que poderão ocorrer, não importa quão improváveis elas sejam” (PEIRCE, 1878, p. 11). Quais eram os hábitos e ações de pensamento desencadeados por aquelas duas linhas de compreensão da relação entre ciência e política – uma que buscava um limite rígido que separasse as duas esferas e outra que as unia quase as tratando como uma coisa só –, quais os seus desdobramentos concebíveis e quais relações são potencializadas por elas?

Silvia Cusicanqui, pensadora boliviana, fala sobre uma lógica trivalente que habita o pensamento *aymará*, possibilitando uma ruptura com uma estrutura binária de compreensão. No vocabulário *aymará*, por exemplo, além das palavras “sim” e “não”, existe uma terceira palavra que permite dizer sim e não ao mesmo tempo<sup>12</sup>. Entendo que uma das principais questões que me motivam aqui parte justamente da busca por uma compreensão da relação entre ciência e política a partir de um lugar que rompa os binarismos. É possível pensar esta relação a partir de uma lógica triádica, que potencialize o sim e não ao mesmo tempo?

Isso exige um deslocamento cognitivo para o espaço do que está e não está ao mesmo tempo, do que é e não é ao mesmo tempo que, acredito, também é o desafio que a semiótica peirceana carrega enquanto compreensão de mundo. Não é um “sim e não”

---

<sup>11</sup> Nome que Peirce adotou ao sentir que o pragmatismo, sua proposta de entender a continuidade entre pensamento e ação, havia sido demasiado modificado no uso do termo feito por outros filósofos. Para ele, o nome “pragmaticismo” seria suficientemente feio para salvá-lo de seus sequestradores (PEIRCE, CP 5.414). Um de seus incômodos era de que o pragmatismo fosse tomado como uma filosofia utilitarista, focada apenas em resultados práticos.

<sup>12</sup> A entrevista pode ser acessada em: <http://upsidedownworld.org/main/bolivia-archives-31/5031-indigenous-anarchist-critique-of-bolivias-indigenous-state-interview-with-silvia-rivera-cusicanqui>

relativista, em que tudo vale, mas um “sim e não” que nos permite ir para além de um entendimento dicotômico; reconhecendo a existência da dualidade, mas sem que isso resulte em uma “análise com um machado, deixando como elementos finais, pedaços de ser não relacionados”<sup>13</sup> (PEIRCE, CP 7.570).

A proposta peirceana de pensar a atividade do signo em uma ruptura da divisão moderna de self/interno e mundo/externo, pode ser um caminho para sair de uma concepção de objetividade absoluta ou de uma subjetividade solipsista. É na relação entre self e mundo (e o self também é mundo) que se dá a experiência, que se dá o conhecimento. Não em um self isolado nem em um mundo totalmente independente.

## 2. Tríades peirceanas: objeto, representamen e interpretante

*o mais alto grau da realidade só é atingido por signos*<sup>14</sup>.

Peirce, em carta para Lady Welby (CP 8.327)

Estudar o pensamento do lógico estadunidense C. S. Peirce é entrar em um universo de tríades: objeto, representamen, interpretante; ícone, índice e símbolo; primeiridade, secundidade e terceiridade; abdução, indução e dedução; estética, ética e lógica; qualissigno, sinsigno, legissigno; rema, dicissigno, argumento, etc. Alguém poderia alimentar a suspeita de que se trata de alguma espécie de vício, de um horizonte mental que estancou no número três, ao que Peirce mesmo responde:

Eu admito plenamente que existe uma mania não incomum por tricotomias. Eu não sei, mas os psiquiatras forneceram um nome para isto. Se não, eles deveriam. (...) pode ser chamada de triadomania. Eu não sou afligido por ela; mas eu me encontro obrigado, pelo bem da verdade, a fazer um número tão grande de tricotomias que eu não poderia deixar de imaginar se meus leitores, especialmente aqueles que conhecem o quão comum é este mal, deveriam suspeitar, ou até opinar, que eu sou

<sup>13</sup> Tradução livre de “which performs its analyses with an axe, leaving as the ultimate elements, unrelated chunks of being”.

<sup>14</sup> Tradução livre de “the highest grade of reality is only reached by signs”.



uma vítima dele.<sup>15</sup> (PEIRCE, CP 1.568)

“Pelo bem da verdade” é a expressão que destacaria na sua defesa da possível acusação de ter sido acometido pela triadomania. É a busca pela verdade (não uma verdade absoluta, dada, que espera – estática – que a alcancemos) que alimenta sua empreitada, inclusive suas propostas de classificações. Para ele, existia “um mundo de diferença entre conhecimento falível e nenhum conhecimento”<sup>16</sup> (PEIRCE, CP 1.37); embora reconhecesse que o conhecimento era sempre falível, isso não implicava que seria sempre falso. Sentia-se motivado por uma “grande fé na realidade do conhecimento” (CP 1.14), ou seja, acreditava na potencialidade humana de realmente descobrir as coisas, de chegar a respostas, ainda que provisórias e falíveis.

Trata-se de uma fé mais epistemológica do que religiosa – ainda que o Peirce maduro flertasse com a ideia de aproximar ciência e religião através da sua noção de sinequismo<sup>17</sup> –, dentro de um pensamento que entendia crença e dúvida como instâncias vitais dos processos de inquirição. Suas classificações e categorias triádicas podem ser entendidas dentro desta crença na realidade do conhecimento; não como uma escolha arbitrária, mas como uma hipótese, como uma resposta possível para entender os fenômenos e para pensar o mundo para além das dicotomias. Como dito anteriormente, na sua leitura, o pensamento dicotômico faz sua “análise com um machado, deixando como elementos finais, pedaços de ser não relacionados” (PEIRCE, CP 7.570).

A compreensão triádica o acompanhou desde o começo da publicação de seus escritos. Em 1867, trouxe uma proposta inicial de suas categorias semióticas em “A new list of categories”: qualidade, relação e representação; três modos de experiência suficientemente

---

<sup>15</sup> Tradução livre de “I fully admit that there is a not uncommon craze for trichotomies. I do not know but the psychiatrists have provided a name for it. If not, they should. ‘Trichimania,’ [?] unfortunately, happens to be preëmpted for a totally different passion; but it might be called *triadomania*. I am not so afflicted; but I find myself obliged, for truth's sake, to make such a large number of trichotomies that I could not [but] wonder if my readers, especially those of them who are in the way of knowing how common the malady is, should suspect, or even opine, that I am a victim of it.”

<sup>16</sup> Tradução livre de “now there is a world of difference between fallible knowledge and no knowledge”.

<sup>17</sup> Em seu “Imortalidade à luz do sinequismo”, submetido pela primeira vez em 1893 e não publicado por um desentendimento entre Peirce e Paul Carus, editor da revista *The Open Court*, diz: “apesar do sinequismo não ser religião, mas, pelo contrário, ser uma filosofia puramente científica, ainda assim, se tornar-se aceito de forma geral, como eu confiantemente antecipo, pode ter um papel na união da religião e da ciência” (PEIRCE, EP2, p. 3). Tradução livre de “though synechism is not religion, but, on the contrary, is a purely scientific philosophy, yet should it become generally accepted, as I confidently anticipate, it may play a part in the onement of religion and science”.



abrangentes e abertos para pensar os fenômenos em sua diversidade. Buscou, várias vezes, refutar suas próprias categorias, mas acabou por acreditar que elas permaneciam em uma força que se impunha a partir dos próprios fenômenos.

A princípio o próprio Peirce relutou em aceitar que a infinita variabilidade dos fenômenos pudesse ser reduzida a não mais do que três elementos formais. Mas investigações indutivas realizadas ao longo de muitos anos, na prática das mais diversas ciências, tanto exatas quanto da natureza e também humanas, acabavam sempre por coloca-lo frente a frente com as categorias lógicas a que havia chegado, por dedução, em 1867. (SANTAELLA, 2004, p. 30)

Destas três categorias – qualidade, relação e representação (primeiridade, secundidade e terceiridade) –, para este artigo me interessa especialmente a terceira. É sempre importante lembrar que, dentro da arquitetura do pensamento peirceano, as categorias não existem isoladamente, mas sim de forma indissociável. No entanto, destacar alguma entre elas pode ajudar a entender particularidades dos fenômenos, sem que isso implique em desconhecer também a existência das outras duas nestes mesmos fenômenos. Aqui, destaco a terceira justamente pela busca em pensar a ciência enquanto representação, como possibilidade de sair da dicotomia entre as imagens da ciência como espelho da cultura ou como espelho da natureza.

Há três tipos de interesse que podemos ter por uma coisa. Primeiro, nós podemos ter um interesse primário nela por ela mesma. Segundo, nós podemos ter um interesse secundário nela, por suas reações com outras coisas. Terceiro, nós podemos ter um interesse mediatório nela, na medida que exprime uma ideia sobre algo a uma mente. Na medida que faz isso, é um *signo*, ou representação.<sup>18</sup> (PEIRCE, EP2<sup>19</sup>, p. 5)

Um signo, ou representação, “exprime uma ideia sobre algo”. Este algo é o seu objeto, que o signo nos permite conhecer de forma mediada. Dentro da proposta de Peirce,

---

<sup>18</sup> Tradução livre de “There are three kinds of interest we may take in a thing. First, we may have a primary interest in it for itself. Second, we may have a secondary interest in it, on account of its reactions with other things. Third, we may have a mediatory interest in it, in so far as it conveys to a mind an idea about a thing. In so far as it does this, it is a *sign*, or a representation.”

<sup>19</sup> EP2 se refere ao *The Essential Peirce: selected philosophical writings*, volume 2, editado pelo *the Peirce Edition Project*, 1998.

mediar não significa obscurecer o objeto, inviabilizando que ele seja conhecido. Seu pensamento pode ser lido como o de um realista dinâmico, que acolhe a noção de uma realidade que existe independentemente do que uma mente individual pensa sobre ela, mas que também admite a mente como construtora de realidades. Para ele, o realista “não separará a existência fora da mente e o ser na mente como sendo dois modos totalmente desproporcionais (...) não pensa na mente como um receptáculo, no qual se a coisa está dentro, deixa de estar fora” (PEIRCE, 2008, p. 322-323, CP 8.16).

Peirce intensificou esta ideia através do sinequismo, sua “doutrina que tudo que existe é contínuo”<sup>20</sup> (CP 1.172). Esta continuidade não implica em um desconhecimento da existência de dualidade, isto estava reconhecido, inclusive, em uma das suas categorias basilares, a secundidade. A secundidade carrega o sentido de algo que reage e diferencia, muitas vezes desafiando nossas vontades e crenças, como um confronto que nos faz reconhecer um outro que nos é externo, ainda que seja um pouco de nós também [para ele, “toda comunicação de mente para mente é através da continuidade de ser”<sup>21</sup> (PEIRCE, EP2, p. 3)]. Isto implica em acolher a existência de dualidades, mas entendê-las a partir de um *continuum*, não de uma dicotomia que separa os elementos em duas esferas absolutamente distintas e intocáveis.

No que toca à compreensão da relação entre mente e matéria, Peirce chega a uma formulação particularmente interessante, afirmando que “a matéria não seria nada além de mente com hábitos tão duradouros que a façam agir com um grau particularmente alto de regularidade mecânica, ou rotina”<sup>22</sup> (CP 6.277). Ainda que preserve uma matriz de pensamento que assegura à mente um lugar de maior espontaneidade e liberdade do que à matéria<sup>23</sup>, traz uma semente para pensar a relação com menos rigidez, a partir de um manejo criativo da dualidade.

Esta compreensão potencializa um deslocamento também no entendimento da relação entre natureza e cultura, especialmente se aceitarmos a proposição de que “o

---

<sup>20</sup> Tradução livre de “the doctrine that all that exists is continuous”.

<sup>21</sup> Tradução livre de “all communication from mind to mind is through continuity of being”.

<sup>22</sup> Tradução livre de “matter would be nothing but mind that had such indurated habits as to cause it to act with a peculiarly high degree of mechanical regularity, or routine”.

<sup>23</sup> Por hora, não me alongarei sobre o tema, mas a compreensão de matrizes mais voltadas à gestualidade e ao corpo poderiam questionar a maior espontaneidade dos fenômenos mentais. Observar um bom dançarino ou uma boa dançarina criando a partir de seu corpo – e mente –, por exemplo, talvez seja uma possibilidade de observar a espontaneidade e liberdade ocupando as duas esferas.

pensamento não está necessariamente conectado a um cérebro. Ele aparece no trabalho das abelhas, dos cristais e por todo o mundo puramente físico”<sup>24</sup> (CP 4.551). É uma provocação que possibilita entender a natureza, vista frequentemente como reino pleno da matéria, também como espaço de criatividade, transformação e pensamento. E, neste reconhecer sua potencialidade criativa, entendê-la para além de um sistema binário que a opõe inteiramente à cultura ou de um determinismo biológico que a enrijece. Penso que é neste espírito que John Deely, filósofo e intérprete do pensamento de Peirce, propõe uma semioética, que reconhece o ser humano como parte de uma natureza que vai muito além dele (DEELY, 2010, p. 28) e que, portanto, deve adotar uma postura ética radicalmente diferente da lógica de dominação da natureza ao construir as instâncias da cultura – nas palavras de Thomas Sebeok, “aquela minúscula parte da natureza que nós grandiosamente rotulamos de cultura” (idem, p. 28).

Os signos agem conectando mente e mundo, a partir de uma relação com objetos e interpretantes. É interessante observar a diferença destacada por Deely (2010, p. 85) entre coisa e objeto. A coisa existe em si mesma, sendo ou não conhecida. O objeto, no entanto, é relacional e se dá na experiência, pressupondo um processo que envolve interpretação. Segundo Deely, “como uma coisa, a fumaça não significa ela mesma; ela é *ela mesma*. Mas como *objeto*, a fumaça *representa ela mesma* na sua consciência”<sup>25</sup> (idem, p. 88). Nesta compreensão de objeto, alguns conceitos, como o de objetividade, adquirem novos contornos. A noção da objetividade científica como uma ausência absoluta – ou talvez uma negação – da subjetividade, como uma forma de articular retratos especulares e inequívocos dos fenômenos, mostra-se caricatural, pouco fértil para compreender as atividades da ciência. Nesta perspectiva que Deely propõe para pensar os objetos, a objetividade não seria somente apreender fielmente algo externo, mas internalizar uma relação que envolve interpretação e acontece articulando interno e externo.

Um conceito que pode ajudar a compreender esta proposta é o de *Umwelt*, cuja semente, do ponto de vista semiótico, foi plantada pelo biólogo estoniano Jakob von Uexküll (1864-1944). O *Umwelt* é “o mundo objetivo em contraste ao universo subjetivo dos estados psicológicos, por um lado (o *Innenwelt*), e o universo físico das coisas-em-si-mesmas, por

---

<sup>24</sup> Tradução livre de “thought is not necessarily connected with a brain. It appears in the work of bees, of crystals, and throughout the purely physical world”.

<sup>25</sup> Tradução livre de “as a thing, the smoke does not stand for itself; it is itself. But as an object, the smoke represents itself in your awareness”.

outro lado”<sup>26</sup> (DEELY, 2003, p. 31); um espaço cognitivo e experiencial em que as coisas se configuram enquanto objetos da experiência. Um mesmo local abriga uma diversidade enorme de *Umwelts*, a depender da teia de significados construída por cada organismo que nele se encontra. A minha varanda e suas plantas, ainda que composta pelos mesmos elementos, é interpretada de forma diferente por mim e pelos meus gatos. Para mim, um espaço de pausa e respiro; para eles, aparentemente um *playground* cheio de possibilidades, especialmente no que diz respeito às plantas. Os ambientes são então espaços constituídos de relações de significação e de cognição, espaços que permitem traduzir coisas em objetos. Enquanto as coisas não necessariamente demandam processos interpretativos para existirem, os objetos se dão precisamente nestes processos.

Toda ação dinâmica, ou ação de força bruta, física ou psíquica, ou se dá entre dois sujeitos [reajam eles igualmente um sobre o outro, ou um seja agente e o outro paciente, inteiramente ou parcialmente] ou é de qualquer forma um resultante de tais ações entre pares. Mas por “semiose” eu quero dizer, ao contrario, uma ação, ou influência, que é, ou envolve, uma cooperação de *três* sujeitos, como um signo, seu objeto, e seu interpretante, esta influência tri-relativa não sendo de forma alguma resolúvel em ações entre pares.<sup>27</sup> (PEIRCE, CP 5.484)

Segundo Deely (2010, p. 50), a proposta de um modelo de signo triádico não é um traço original de Peirce, já estava presente na filosofia escolástica de Poinot (1589-1644) de forma sistematizada. O que é novidade no pensamento peirceano é a mudança de “ênfase do ser dos signos para a ação dos signos”<sup>28</sup> (DEELY, 2010, p. 50) – a semiose – e a sua noção do terceiro elemento da tríade, o interpretante. Peirce intensificou a compreensão de que o signo não estava em nenhum dos termos isoladamente, e sim na relação que une os três (objeto, representamen e interpretante<sup>29</sup>), além de ter desdobrado a pergunta “o que é um

<sup>26</sup> Tradução livre de “the Umwelt, the objective world in contrast to the subjective universe of psychological states, on the one hand (the Innenwelt), and the physical universe of things-in-themselves, on the other hand”.

<sup>27</sup> Tradução livre de “All dynamical action, or action of brute force, physical or psychical, either takes place between two subjects [whether they react equally upon each other, or one is agent and the other patient, entirely or partially] or at any rate is a resultant of such actions between pairs. But by ‘semiosis’ I mean, on the contrary, an action, or influence, which is, or involves, a cooperation of *three* subjects, such as a sign, its object, and its interpretant, this tri-relative influence not being in any way resolvable into actions between pairs.”

<sup>28</sup> Tradução livre de “the emphasis from the being to the action of signs”.

<sup>29</sup> Ainda que, com alguma frequência, use o termo signo para nomear o representamen.

signo?” em uma busca por entender também de que forma eles agem. A ação de força bruta pode ser reduzida a pares; a ação sígnica, no entanto, é sempre triádica.

Sobre o interpretante, James Liszka propõe que, na semiótica peirceana, “se há uma contribuição que permanece singular é a do interpretante”<sup>30</sup> (LISZKA, 1990, p. 17) e Deely afirma que o argumento de que “o terceiro elemento nas relações triádicas não precisam envolver diretamente nenhum ‘poder cognitivo’, nenhuma ‘mente’ finita”<sup>31</sup> (DEELY, 2014, p. 10) é o que distingue a proposta de Peirce para a compreensão dos signos.

Na concepção peirceana, o representamen representa algo outro que não ele mesmo [o objeto] a um terceiro [o interpretante]; possibilitando uma relação entre interpretante e objeto que corresponde a sua própria relação com o objeto. O interpretante é, portanto, determinado pelo objeto de forma mediada e potencializa a construção de um entendimento/compreensão/sentido, tornando-se por sua vez um signo mais desenvolvido; “conhecer o Interpretante, que é o que o Signo mesmo expressa, pode requerer os mais altos poderes do raciocínio” (PEIRCE, EP2, p. 495).

### 3. Breves considerações

Peirce não tinha na ciência um catálogo de respostas já aceitas; entendia o pensamento científico como um processo de inquirição, fomentado pelo incômodo da dúvida e pela vontade de chegar a crenças que possibilitassem entender melhor os fenômenos. Uma busca por boas hipóteses, poderíamos dizer. Para a construção dessas hipóteses, a imaginação e o anseio genuíno por aprender eram dois dos pilares principais; ele não definia o cientista pelo que conhecimento que tinha, mas por seu “amor por aprender”<sup>32</sup> (PEIRCE, CP 1.44). Esta é uma proposta fértil que parece se distanciar de muito que vemos da representação da ciência no senso comum, que a entende por vezes como repertório de verdades, do que se pode ou não se pode fazer (uma breve fila no mercado pode ser uma ilustração desta

---

<sup>30</sup> Tradução livre de “if there is one contribution that remains singular it is that of the interpretant”.

<sup>31</sup> Tradução livre de “his argument that the third element in triadic relations need not involve directly any ‘cognitive power’, any finite ‘mind’”.

<sup>32</sup> “Não é conhecer, mas o amor por aprender, que caracteriza o homem científico”, tradução livre de “For it is not knowing, but the love of learning, that characterizes the scientific man”.

afirmação, com suas capas de revista distribuindo sims e não das mais recentes pesquisas sobre nutrição e medicina).

Pergunto-me se a dicotomia que entende a ciência ou como um espelho da natureza ou como um espelho da cultura não caminha em um rumo parecido, ainda que de um lugar epistemicamente distinto. Ambos caminhos convergem ao direcionar o foco principalmente para os sucessos ou deslizes da ciência, tendendo a pensá-la mais a partir de suas respostas do que de suas perguntas; mais a partir de seus conhecimentos acumulados do que a partir de seus processos de inquirição. Em um caminho outro, Susan Haack (2007, p. X), filósofa de linha peirceana, propõe que a “‘ciência’ se refere primeiramente a uma classe de inquirições, e somente secundariamente a um corpo de proposições aceitas<sup>33</sup>”. Pensar a ciência como representação a partir do pensamento de Peirce permite entendê-la como um signo-atividade que – justamente por ser signo – “realiza sua tarefa na encruzilhada ou na intersecção da natureza e cultura (...), sempre ‘misturado’ em sua ontogenia<sup>34</sup>” (DEELY, 2003, p. 34). Ela não se articula exclusivamente com a esfera dos objetos, nem exclusivamente com a esfera dos interpretantes; como signo, articula os três: objeto, representamen e interpretante, permitindo que conceitos como a objetividade incluam, como diz Mills (2008, p. 19), “significado assim como ‘fato’”. Nessa proposta existem aportes para pensar a tríade natureza/ciência/cultura a partir de um lugar outro, que potencializa uma compreensão para além das dicotomias.

## Referências bibliográficas

DEELY, John. **Semiotic animal: a postmodern definition of “human being” transcending patriarchy and feminism**. Indiana: St. Augustine’s Press, 2010.

\_\_\_\_\_. **The impact on philosophy of semiotics: the quasi-error of the external world with a dialogue between a “semiotist” and a “realist”**. Indiana: St. Augustine’s Press, 2003.

<sup>33</sup> Tradução livre de “‘science’ refers primarily to a class of inquiries and only secondarily to a body of accepted propositions”.

<sup>34</sup> Tradução livre de “the sign performs its task at the crossroads or intersection of nature and culture (...), always ‘mixed’ in its ontogeny”.

\_\_\_\_\_. The terms “sign” and “representamen” in Peirce. Texto apresentado em **The Charles S. Peirce international centennial congress**, 2014.

D’ORS, Eugenio. **La filosofía del hombre que trabaja y que juega**. Madrid: Libertarias/Prodhufo, 1995.

HAACK, Susan. **Defending science – within reason: between scientism and cynicism**. Nova Iorque: Prometheus Books, 2007.

KELLER, Evelyn Fox. On the need to count past two in our thinking about gender and science. In: **New Ideas Psychol**, vol. 5, n. 2, pp. 275-287, 1987.

LISZKA, James Jakób. Peirce's Interpretant. In: **Transactions of the Charles S. Peirce Society**, vol. 26, nº 1, 1990, pp. 17-62.

MILLS, Charles W. **The politics of truth: selected writings of C. Wright Mills**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2008.

PEIRCE, Charles S. **Como tornar as nossas ideias claras**. Tradução de António Fidalgo, Universidade da Beira Interior. Disponível em: [http://www.bocc.ubi.pt/\\_listas/tematica.php?codtema=12](http://www.bocc.ubi.pt/_listas/tematica.php?codtema=12), 1878.

\_\_\_\_\_. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

\_\_\_\_\_. **The Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Vol. I-VIII, C. Hartshorne, P. Weiss & A. Burks (eds.). Cambridge, MA: Harvard University Press, 1931-1958.

\_\_\_\_\_. **The Essential Peirce: selected philosophical writings**. Vol. 2, editado por the Peirce Edition Project. Bloomington: Indiana University Press, 1998.

SANTAELLA, Lucia. **O método anticartesiano de C.S Peirce**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

SCHIENBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru, SP: EDUSC, 2001.

YANNOULAS, Silvia, VALLEJOS, Adriana, LENARDUZZI, Zulma. Feminismo e academia. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v.81, n. 199, pp. 425-451, set./dez. 2000.